

Cristina Martins Fargetti*
(UNIMEP)

Rindo com os Juruna

ABSTRACT

In this paper some reflections about juruna texts humor are presented. The comic and the pun, the linguistic humor, that uses here phonological elements and semantic approximations, are analyzed.

INTRODUÇÃO

Consegui entender com Sírio Possenti (1998) que nem todos são capazes de rir de uma piada; isso porque há mais, em um enunciado humorístico, em um chiste, do que uma lógica diferente da habitual. Na maioria dos casos, é o conhecimento da língua em questão, ou melhor, dizendo, de sua fonética/fonologia, morfologia, sintaxe, que permite que se ria ou ao menos que se entenda a graça do que é considerado engraçado. Assim, encarei como desafio entender (e tentar rir junto por causa de) um pouco do humor juruna, buscando sempre o conhecimento lingüístico que permite ao falante da língua compreender o humor.

A tarefa foi prazerosa e, como comentarei a seguir, acabei envolvendo mais pessoas que acabaram ou rindo muito (“Vamos índio, gente”, como diria um amigo) e/ou ficando também bons amigos e cúmplices dos Juruna.

DE VELHOS, COBRAS E OUTROS BICHOS.

Quem chega à aldeia Tubatuba pela primeira vez tem a impressão de que os índios Juruna são sempre muito sérios, calados. Raramente contam qualquer coisa sem serem perguntados e procuram mais ouvir o visitante que falar. Mas não se engane o estrangeiro. Se Kadu, o chefe, souber que o caraíba deseja ouvir as “histórias antigas”, com certeza fará jus à sua fama de narrador e contará muitos mitos. Estes parecerão muito sérios para

*. cmfarget@iepmail.unimep.br

o estrangeiro, e ele os ouvirá compenetrado, tomando notas e tentando descobrir as sérias verdades que aquelas histórias encerram. Contudo, se Kadu trouxe consigo alguns juruna para ouvir as histórias, o estrangeiro poderá ter uma surpresa: em muitos momentos narrador e ouvintes darão boas risadas.

Não são raros os momentos de humor nos mitos. Para quem não é Juruna, porém, é necessário um certo esforço para entender por que se ri em determinados momentos. Por várias razões o riso não é algo óbvio, obviamente¹.

O mito apresentado a seguir, em uma versão adaptada, exemplifica isso²: em meio à gravidade da explicação do surgimento dos alimentos surge um episódio de humor. Para o caraíba, ele também é engraçado, mas não provoca tanto riso quanto para os Juruna. Vejamos por que.

Antigamente os Juruna comiam a sucuri, que chamam de tuwâi) Certa vez, encontraram uma grande, sentaram-se em cima dela para matá-la. Ela correu com eles, levou-os para o rio e lá os comeu. Só um fugiu e contou na aldeia o que tinha acontecido.

O pajé disse que a sucuri tinha se vingado. Ele sonhou e seu espírito a amarrou no mato. Mandou os Juruna procurem-na e derrubarem mato em cima dela (roçar em volta). O mato secou e o pajé mandou-os colocar fogo nele. A sucuri queimou, explodiu.

O pajé novamente sonhou e assim soube que iria chover. Alertou os Juruna para que caçassem jabutis e outros bichos. Então choveu por muitos dias.

Quando parou de chover, um Juruna foi ver onde a sucuri tinha explodido. Lá havia uma grande roça, com milho, melancia, abóbora, batata, etc. Havia surgido das sementes que saíram da sucuri quando ela explodiu.

Os Juruna naquele tempo só comiam casca de pau podre, por isso não sabiam como comer aqueles alimentos. O mais velho foi ver.

- Deixa, eu vou morrer primeiro – falou.

Quando foi tirar melancia, jogou-a no fogo. Daí ela estourou. Depois comeu abóbora crua, e a língua dele coçou.

- O que é isso também? – falou.

E comeu a pimenta. Com ela quase se matou.

- O que é isso? – falou.

- Qual é melhor para comer? – falou.

Então assou melancia de novo, mas ela estourou, explodiu. Também cana, mamão, banana.

Depois o dono da roça voltou sozinho e encontrou um pássaro (witxitxi). Ele lhe disse:

- Esse bicho, se fosse gente, contava sobre comida para mim.

O pássaro lhe disse:

- Eu sou gente.

¹ Possenti (1998) fala do lugar-comum de as piadas serem consideradas culturais: “Ora, a rigor, tudo é cultural. Não só os instrumentos de trabalho, os mitos, os sistemas de casamento e a organização das cores em um léxico, mas – e é o que aqui interessa – todos os textos, todas as formas de narrativa são obviamente culturais”.

² Tal mito também é contado por outros povos (no caso, amazônicos) e em especial pelos xipaya, cuja língua pertence à mesma família lingüística que o juruna. A versão xipaya de que disponho (Rodrigues, 1995) é bem reduzida, impossibilitando uma comparação do humor.

Acho que virou gente. E lhe ensinou a comer cada alimento: cozinhar a abóbora, usar pouca pimenta com peixe, comer crua a melancia, banana, mamão. Em troca, pediu que nunca reclamassem quando ele comesse os frutos da plantação.

Nesse mito, uma sucuri, perseguida pelos Juruna, devora-os e é castigada posteriormente. Ao ser queimada, explode, espalhando sementes que dão origem às plantas cultivadas pelos Juruna. É o mito do surgimento dos alimentos.

Nele aparece um trecho cômico, que destoa da gravidade, seriedade com que o tema é tratado. O cômico surge nas tentativas do velho para comer os alimentos que surgiram na plantação: assou frutas que deveriam ser comidas cruas (melancia, cana, mamão, banana), comeu crua a abóbora que deveria ser cozida, comeu em grande quantidade a pimenta, que deve ser comida em pequenas quantidades junto com outros alimentos.

Os Juruna riem dessas tentativas. Assim, riem de ações mal sucedidas que acreditam que eles próprios não fariam. Não comeriam de maneira errada os alimentos, ou seja, acreditam que naquela situação agiriam diferente. Isto é chamado de cômico por Freud (1905) :

“O cômico aparece, em primeira instância, como involuntária descoberta, derivada das relações sociais humanas. É constatado nas pessoas – em seus movimentos, formas, atitudes e traços de caráter, originalmente, com toda probabilidade, apenas em suas características físicas, mas, depois, também nas mentais ou naquilo em que estas possam se manifestar.(...) Os métodos que servem para tornar as pessoas cômicas são : colocá-las em uma situação cômica, o disfarce, o desmascaramento, a caricatura, a paródia, o travestismo, etc. É óbvio que todas estas técnicas podem ser usadas para servir a propósitos hostis e agressivos. Pode-se fazer uma pessoa cômica para torná-la desprezível, para privá-la de sua reivindicação de dignidade e autoridade”.

A situação cômica no mito não é vivida por qualquer juruna mas sim por um velho, que justifica sua iniciativa com o fato de ser aquele que morrerá primeiro, portanto não fará falta. Tal atitude é uma demonstração de heroísmo, típica da personagem velho em outras histórias. Heroísmo ridicularizado pelo que ocorre a seguir: ele não morre, mas não acerta em nenhuma das tentativas. Portanto, há, além do cômico, a crítica ao velho.

O velho como personagem aparece em várias pequenas histórias, ou piadas, por mim coletadas. Nelas ele é ridicularizado, descrito como mentiroso, surdo e lento. Em uma das histórias, o velho conta a seu neto que era conhecedor de rios e matas; estava em determinado rio onde as piranhas comeram um pedaço de sua rede que caía da canoa; então ele puxou a rede para a terra, as piranhas vieram junto, e ele dormiu na canoa; ao ser indagado pelo neto sobre o local em que isso realmente tinha acontecido, respondeu várias vezes: “Aqui no meu pé tem bicho (de pé)”. Percebe-se então que o velho mentiu, fingiu-se de surdo para não precisar contar para o neto o local, que talvez não existisse.

Em outra pequena história, o velho conta a seu pessoal que havia encontrado uma roça antiga onde tinha apanhado banana; disse que ao levar a banana para a canoa, ela cresceu. Em outra história, o velho conta que cozinhou ovas de peixe e que elas se transformaram em peixe grande que ele comeu com banana. Em ambas, o velho mentiu para contar vantagem, e, assim, tornou-se ridículo ao tentar mostrar-se superior.

Percebe-se, portanto, que um objetivo do cômico na história da serpente é ridicularizar a figura do velho, como também ocorre nas histórias citadas³. Isso destoa muito do tratamento dado ao velho no cotidiano. O velho para os Juruna é aquele que sabe, o que pode falar por experiência própria e por conhecimento das tradições antigas. Suas opiniões são sempre ouvidas nas questões que afetam a comunidade. É, portanto, extremamente respeitado. Paradoxalmente, é a figura dele justamente o motivo do riso.

Rir da autoridade, dos poderosos é o que acontece também em pequenas histórias sobre os Kayapó. Eles são mais altos que os Juruna e temidos como inimigos, contudo, são descritos como desastrados e incapazes de vencer os Juruna em uma luta corpo-a-corpo. Em duas histórias um Kayapó persegue um Juruna, mas não consegue vencê-lo. Em uma, o Kayapó, armado de borduna, enrosca o pé em um cipó e cai enquanto perseguia um Juruna, sendo golpeado por este na cabeça. Em outra, a perseguição ao Juruna se dá na água: ora o Juruna, ora o Kayapó cai na água e quase se afoga; ambos cansam-se da luta e vão embora sem haver vencedor. Nos dois casos, o cômico dos tombos, quase afogamentos e empates ridiculariza a imagem dos Kayapó de terríveis guerreiros.

Os Juruna ainda dizem que os perus fazem [tʃic ʔu:m], “canto” que seria semelhante à fala dos Kayapó, por isso dizerem que os perus são Kayapó e, por extensão, que os Kayapó parecem perus, animais. A simples menção do “canto” é suficiente para fazer rir os Juruna. Ele seria uma aproximação de sons típicos da língua kayapó (sob o ponto de vista juruna), o que leva a ver tal ocorrência como piada fonológica ou mesmo fonética.

Quando Kamani, representante suya da associação dos índios do Xingu, deixava a aldeia após uma visita de negócios, foi abordado por Yãba juruna que, carregando um peru nos braços, disse:

- Tome, leve embora seu parente.

Isso teve ao menos dois sentidos. Kamani é Suya, e os Suya, povo jê, são parentes dos Kayapó, portanto, o enunciado teve o sentido de “leve embora um kayapó”. Além disso, a palavra juruna para suya é “peru”, portanto Yãba teve consciência da coincidência de formas e da ambigüidade causada pela tradução do item lexical (peru = “suya”, em juruna, mas “tipo de ave”, em português), o que fez com que o enunciado também tivesse o sentido de “leve embora um suya como você”. Em ambos casos, há o pedido de que leve embora não um juruna como o próprio Yãba mas um representante do dominador: Kamani, que é suya, ocupa um cargo político e tem, portanto, poder como um Kayapó tem (até recentemente, o representante indígena na FUNAI era Kayapó, e são Kayapó, até hoje, que administram a balsa existente no rio Xingu na altura da BR-80). Assim como para os brasileiros os portugueses, antigamente dominadores, são burros, para os Juruna, os Kayapó e os que a

³ Um outro objetivo seria Kadu, o narrador, ridicularizar-se a si mesmo, pois tem as características da personagem ridicularizada: é velho, é o chefe da aldeia e, como tal, aquele que toma decisões pensando no bem-estar da comunidade. Entre os Juruna parece que aquele que detém maior autoridade pode mostrar-se cômico, ridículo. Um outro líder da aldeia, Tamariku, que detém poder econômico, embora não seja reconhecido ainda como o chefe, costuma, em reuniões sociais, fazer-se engraçado, cômico, caindo no chão como se estivesse bêbado, fazendo caretas e contando histórias/piadas obscenas (do meu ponto de vista) em que, por exemplo, são abordados temas como relações sexuais, tamanho dos órgãos sexuais, etc. Portanto, há indícios de que o mostrar-se cômico é típico de líderes, chefes.

eles se assemelham são animais. Ser chamado de “bicho”, “animal” é o cúmulo da ofensa, ou da gozação, para os Juruna.

Uma variação da mesma piada ocorreu quando eu e meu marido deixávamos a aldeia após uma estadia de catorze dias em julho de 98. Meu marido tinha feito amizade com o cachorro de um juruna e, inclusive, já tinha conseguido ensinar alguns truques para ele. Os Juruna riam da afeição do meu marido pelo cachorro e talvez começassem a achar frouxo demais um cachorro que sentava para ganhar comida e que fazia outras graças. Os cachorros, aliás, são tratados com pouco cuidado pelos Juruna (e xinguanos de modo geral), não raro recebendo surras homéricas. Talvez vejam a lealdade e dependência dos cachorros como algo negativo, que os desqualificaria como animais valentes. Portanto, era realmente engraçada a afeição de meu marido por um cachorro, que, aliás, não era dele.

No momento da nossa partida, já com a bagagem no barco, Yãba apontou para o referido cachorro e disse para meu marido:

- Pode levar embora com você. Kayapó não acaba nunca.

Com esse chiste ele comparou os Kayapó a cachorros, animais pouco valentes, uma vez que dependem dos Juruna para sobreviver. Portanto ridicularizou a imagem dos Kayapó e também criticou a afeição de meu marido pelo cachorro: havia se tornado amigo de um Kayapó, que, “infelizmente”, pertence a um povo numeroso, antigo inimigo dos Juruna, que “não acaba nunca”, e portanto, não será sentida sua falta principalmente pelos Juruna. Assim, meu marido poderia levar consigo um representante do dominador, daquele que para os Juruna não faz falta alguma.

Na história da sucuri, é witxitxi, uma espécie de pássaro, que ensina o correto uso dos alimentos. O juruna diz “Esse bicho, se fosse gente, contava sobre comida para mim”. E o pássaro lhe responde que é gente. O narrador diz “Acho que virou gente”. Ou seja, em forma humana o pássaro é capaz de falar como um juruna e de explicar a ele o que ele, o velho e demais juruna não sabem. Não causa pois estranhamento o fato de o pássaro falar, pois ele havia se tornado humano.

Em outra história, que o chefe contou-me antes da história da sucuri, uma outra sucuri fala com os Juruna e, por não ser humana, causa estranhamento e um efeito humorístico:

Antigamente os Juruna iam procurar outro índio para brigar. O pessoal veio atravessando o pantanal, então encontraram ela, que ficou deitada no chão, ficou deitada no pântano, uma sucuri magra.

Então uma pessoa disse:

- É a sucuri que está deitada. O que essa sucuri está comendo aqui?

- O que essa sucuri está comendo aqui?— falou outro.

O pessoal ficou passando. Porque eles eram muitos. Quando o que vinha por último passou ela falou para ele. Ele foi e parou

- Por que essa sucuri está magra? - falou. O que essa sucuri está comendo?

- O que essa sucuri está comendo? - o pessoal falou.

Então ela respondeu:

- **Ahuã.** – a hi.

- Veado. – falou.

- **Ahuã.**

- Veado.

- Ah... acho que ela come veado. – falou.

Voltou para ele. Todo mundo parou. O pessoal falou:

- O que você come?

- **Ahuã.**

- Veado.

- O que você come?

- **Ahuã.**

- Veado.

- Acho que ele come veado – o pessoal falou.

(- Eles foram embora ?

- Todo mundo viu ela depois foi embora. O pessoal só viu ela, que falou com eles.)

- Ela só come veado. – o pessoal falou.

O pessoal a deixou.

Como se sabe pela história anterior da sucure, os Juruna antigamente comiam esse tipo de cobra. Portanto, a cobra da história acima era, potencialmente, uma caça para os Juruna. Eles, entretanto, estranham a magreza da cobra e se perguntam o que estaria ela comendo. A sucure lhes responde “- **Ahuã**” e um juruna diz “– Acho que ela come veado”. Isto causa sonoras risadas entre os Juruna que ouvem a história. Há aqui também uma piada fonológica, um chiste, segundo Freud.⁴ Na verdade, a sucure fala a sua maneira, ou seja, ao tentar falar “ahuá”, que é a palavra juruna para “veado”, fala “ahuã”. A nasalidade é distintiva em juruna, ou seja, distingue palavras como **’e’á** “chorar” e **’ẽ’ã** “morrer”, portanto, a pronúncia nasalizada da última vogal de “ahuá” é tida como um erro que só um não falante da língua cometeria. Erro típico de bicho, pois os Juruna dizem que os bichos, quando falam, falam “errado”.⁵ E é engraçado ouvir uma fala “errada” e, ainda mais, de um bicho que tenta se defender: a sucure diz que come veado, e não seres humanos, como era de se esperar, para que os Juruna não a tomem como inimiga. Os Juruna acreditam nela, apesar de ela falar como um bicho, e não a caçam. O que é sentido como estranho por um ouvinte da história (cf. trecho em parênteses) pois ele sabe que deveriam caçá-la.

Isso é hilário, um animal ludibriar, enganar seres humanos, que, supostamente, deveriam ser mais espertos do que ele. Ao serem ludibriados por um animal, os Juruna são considerados inferiores a ele, o que para um juruna é um absurdo.

⁴ “Portanto prontamente recordamos que muitas autoridades não reconhecem a nítida distinção conceptual e material entre os chistes e o cômico, a cujo estabelecimento descobrimo-nos levados, considerando os chistes simplesmente como o “cômico do discurso” ou “das palavras”.”

⁵ Também falam “errado” os não-juruna, os estrangeiros que tentam falar a língua dos Juruna e que transpõem para ela a fonologia, ou fonética, de sua própria língua. Isso produz sempre um efeito engraçado, para eles, como o caso de um japonês tentando falar Português : **corega** (colega), **bara**(bala), etc. Isso é engraçado para o falante de Português porque a fala do japonês neutraliza a distinção entre dois fonemas, / r / e / l /, o que um falante de português nunca faria.

Essa análise é reforçada pela seqüência temática das histórias narradas. Eu havia pedido ao chefe que me contasse a história da sucuri que deu origem aos alimentos. Talvez pela presença de ouvintes juruna ele contou-me antes três histórias relacionadas ao tema.

Contou a história da sucuri que comia veado, depois a história de um sapo e a história de uma muriçoca; tanto o sapo quanto a muriçoca prejudicam os Juruna. O sapo, chamado “kapae”, tinha dedos compridos e, enquanto alguns Juruna dormiam no mato, retirou as fezes deles através do ânus; os Juruna emagreceram, ficaram fracos. Um pequeno sapo causar malefício a humanos é motivo de riso. Também é motivo de riso, na outra história, o fato de a muriçoca, que era do tamanho de um pássaro (socó) chupar o sangue dos Juruna que dormiam no mato, e que, por isso, ficaram amarelos.

Percebe-se, portanto, que nas três histórias os animais ludibriam o homem, que, em relação a eles, deveria ser mais esperto, mais alerta. É justamente essa falta de esperteza do homem que causa o riso. O homem, ou melhor, o juruna, que é mais forte, mais poderoso, é ridicularizado. Nessas histórias ocorre, portanto, na relação entre o juruna e o animal o mesmo tipo de inversão que ocorre nas outras histórias entre o kayapó e o juruna, e mesmo entre o velho e os jovens.

Além disso, há também histórias em que os animais ludibriam uns aos outros:

Arara

A arara vermelha antigamente gritava em cima do pau. Voava graciosamente, em vôo rasante abaixava bem perto do chão, e depois subia reto.

O urubu falou para ela:

- Eu quero fazer igual a você.

- Então vá embora. – falou para ele.

O urubu foi, começou a gritar:

- Ã ã ã ã .

Então abaixou desengonçado, caiu na terra, bateu o coração dele mesmo e morreu.

Cotia

A cotia antigamente era egoísta, não contava sobre a castanha para o porco. Então falou para ele:

- Espera, eu comer isso primeiro.

Quando o porco queria comer fruta do mato, só ela, cotia, que comia. Quando ela comeu castanha morreu, quando morreu, o porco ficou esperando. Depois de fedida, com verme, porque podre, o porco a deixou e foi embora. Quando o porco a deixou, o verme dela saiu e então ela foi embora.

Arara

Antigamente o jabuti roubou para si a mulher do arara. Então ela falou:

- Vamos procurar ingá,

Foram. Quando eles encontraram ingá, a arara falou:

- Vá buscar ingá para mim. Eu estou querendo ingá.

Ele quis subir na árvore, mas não conseguiu porque era pesado. Só a mulher dele subiu.

Então ele falou para ela:

- Venha, desça logo.

- Espera aí eu comer ingá primeiro. - ela falou.

Então o pessoal dela chegou. Eles falaram:

- Vamos. Por que você fica com esse homem que não sobe? Vamos embora.

Levaram a mulher dele junto. Então o jabuti falou para a mulher dele:

- Desça logo. Desça logo.

Mas a mulher dele foi embora e o jabuti chorou.

A história do urubu mostra-o tentando imitar a arara. Ela consente que a imite e ele morre na tentativa. O urubu, que, segundo seu mito, tem no céu organização social complexa, conversa com os Juruna, e que é, portanto, superior a outros animais, comporta-se como um tolo arrogante. Mostra-se ridículo tentando fazer o que um pássaro diferente dele faz e é ludibriado por esse pássaro que concorda em deixar-se imitar (talvez já sabendo da possibilidade do insucesso).

Na história do porco, a cotia finge-se de morta após comer castanhas e com isso consegue que o porco nunca as coma. O porco para os Juruna tem complexa organização social, com xamã, chefe, etc, e estabelece também diálogo com os Juruna (Lima, 1996). Novamente o mais forte, poderoso é ludibriado pelo mais fraco.

Semelhante inversão também ocorre na história do jabuti, que sempre é o mais esperto nas histórias, sempre engana os outros animais, mas desta vez acaba sendo passado para trás. A esposa que ele escolheu mostra-lhe o quanto é desajeitado, não-habilidoso e por isso inapto para viver com ela. Apesar de seus pedidos, a arara o deixa, foge voando, o que o jabuti não pode fazer. Assim, o mais esperto é vencido, ridicularizado.

Essas três histórias têm em comum uma inversão na relação entre os animais. O mais esperto, e/ou o mais forte acaba sendo ludibriado pelo que é inferior a ele. A inversão nas relações provoca o riso. De maneira geral, riem do que é respeitado e mesmo temido no cotidiano. Isso também é notado por Clastres (1967) que analisa dois mitos dos índios Chulupi, do Paraguai. No primeiro mito, a imagem do pajé serve de motivo de riso; justamente o pajé que na vida cotidiana é respeitado e temido pelos índios. É descrito como apalermado, incompetente como curandeiro, esquecido, folgazão. O texto é hilário, mesmo para não índios, do início ao fim. Distingue-se do mito juruna dos alimentos por, diferentemente deste, estruturar-se inteiramente como humorístico.⁶ Contudo, o pajé Chulupi e o velho

⁵ Na história juruna dos alimentos, o episódio de humor tem um tipo de "script" (Raskin, 1985) que se relaciona diretamente com as três histórias contadas anteriormente. No "script" esperado, o velho seria bem sucedido e os Juruna não seriam ludibriados pelos animais. No outro "script" ocorre o contrário.

velho juruna têm em comum o tratamento nada honroso, a deliberada exposição ao ridículo, que se contrapõem ao respeito com que são tratados na vida cotidiana.

O segundo mito analisado por Clastres trata de uma onça que, semelhantemente ao urubu da história juruna que tenta imitar a graciosa arara, tenta imitar vários animais com que se encontra e, como o urubu, morre em cada tentativa (é sempre ressuscitada por um pássaro que a acompanha). Clastres, por uma série de analogias, inclusive com outros mitos, conclui que a onça é ridicularizada tanto quanto o pajé. Ambos, no cotidiano, são temidos, perigosos e mesmo se identificam: os pajés são onças e as onças são pajés. Portanto, o tratamento dado a ambos nos mitos é o mesmo: são ridicularizados.

Os Juruna riem igualmente daqueles que respeitam (ou que devem respeitar) na vida cotidiana: os próprios Juruna, o velho, o Kayapó, os animais espertos e perigosos.⁷ Mas, de maneira geral, pode-se dizer que o riso nos exemplos analisados se deve, principalmente, a uma inversão na relação de poder. O que parece corroborar a afirmação de Fry (1992) de que todo humor deve ser caótico.

RINDO NA ACADEMIA

Os Juruna estiveram em junho de 2000 participando do VIII Salão Universitário Latino-americano de Humor da UNIMEP, Universidade Metodista de Piracicaba. Salão esse que contou com mais de 400 inscritos de 16 estados e 8 países. Tarinu e Charadu foram recebidos como convidados especiais, pois o Salão tinha como tema uma reflexão crítica dos 500 anos de Brasil, e queria contar com a participação do humor indígena. Para tanto, chegaram do Xingu uma semana antes da abertura e acrescentaram outros desenhos aos já feitos por Yabaiwá e Yapariwá⁸. Seus desenhos compuseram uma mostra paralela no Salão, juntamente com a mostra de Ziraldo e com os trabalhos selecionados, e ficaram em exposição entre 16/6 a 18/8/2000. Receberam uma premiação em dólar (igual à oferecida aos universitários vencedores), não tiveram quaisquer gastos de transporte e alimentação (pagos pelo Salão) e ainda receberam doações para a escola da aldeia de Charadu.⁹

⁷ Isto não significa que toda piada seja crítica. Como diz Possenti (1998) “ Correntemente, julga-se que o discurso humorístico é sempre crítico.(...) Sabemos, no entanto, que, muito freqüentemente, os chistes são formas de veicular discursos conservadores, ou mesmo reacionários. Os campos da sexualidade e do racismo fornecem os exemplos mais óbvios. Mas, se o humor não é sempre crítico, certamente o é o humor político –pelo menos na maior parte de suas manifestações.”

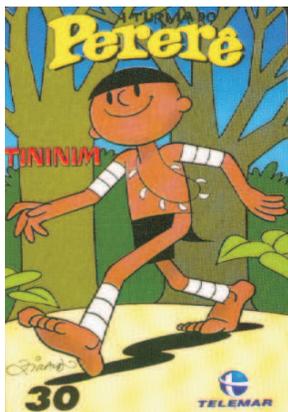
⁸ Estes últimos estiveram em Campinas durante o mês de abril de 2000, participando da VIII Mostra da Cultura Indígena, ocorrida no Parque Ecológico, que teve como tema a cultura material juruna. Os dois rapazes atuaram como monitores (remunerados) para as visitas de estudantes de Campinas e região. Em raros momentos de folga produziram alguns desenhos humorísticos (por coincidência, sobre duas das histórias mencionadas anteriormente).

⁹ Este havia deixado o Xingu logo após o incêndio de sua casa, onde guardava todo material da escola da aldeia Parque Samba Xingu. Apesar do contratempo, não perdeu o bom humor, nem deixou de produzir ótimos trabalhos.

Vários alunos cartunistas da universidade acompanharam Tarinu e Charadu durante as duas semanas em que estiveram em Piracicaba. Estes foram entrevistados e apareceram na mídia da cidade e região. Tiveram oportunidade de exercitar várias técnicas de pintura: fizeram, por exemplo, lindos trabalhos em aquarela, técnica até então desconhecida por eles.

A abertura do Salão se deu em 16/6/2000, e contou com a participação de Ziraldo e Zélio, seu irmão, entre os jurados da Comissão Julgadora.

Na década de sessenta, Ziraldo criou a Turma do Pererê, um sacizinho muito simpático que tinha vários amigos entre meninas, meninos, onça, jabuti e um índiozinho levado chamado Tininin. Perguntei para o Ziraldo então de onde ele tirou esse nome indígena pois esse é o nome de um índio juruna, por sinal tio do Tarinu. “Pois é o mesmo!”, disse o Ziraldo, e então contou que no início da década de sessenta ele conheceu o Tininin (com os seus 6 ou 7 anos), que estava no Rio de Janeiro junto com os irmãos Villas Bôas. Ficaram amigos, e ele o acompanhou ao consultório de um dentista para tratar umas cáries. Gostou tanto do menino que se inspirou nele para criar a personagem, tão querida na minha infância, quando eu sequer pensava em conhecer pessoalmente o Tininin Juruna.



Cartão telefônico da
TELEMAR, em que
aparece a personagem de
Ziraldo, Tininin.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLASTRES, P. (1967) De que se riem os índios? In: *A Sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves, (1978), pp. 127-148.
- FARGETTI, C.M. (2001) *Estudo Fonológico e Morfosintático da Língua Juruna*. Campinas: IEL/UNICAMP, tese de doutorado
- _____.(1992) *Análise fonológica da língua Juruna*. Campinas: IEL/UNICAMP, diss. de mestrado.
- FREUD, S. (1905) *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago.

- FRY, W.F. (1992) Humor and chaos. *Humor*, 5-3, pp. 219-232.
- HOLCOMB, C. (1992) Nodal humor in comic narrative: a semantic analysis of two stories by Twain and Wodehouse. *Humor*, 5-3, pp. 233-250
- LIMA, T. S. (1996) O dois e seu múltiplo : reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. *Mana*, 2-2, pp.21-47.
- POSSENTI, S. (1998) *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas, Mercado das Letras.
- RODRIGUES, C. (1995) *Etude Morphosyntaxique de la Langue Xipaya (Bresil)*. Paris: Université Paris VII, tese de doutorado.
- RUSH, W., S. ATTARDO, e V. RASKIN. Toward an empirical verification of the General Theory of Verbal Humor. *Humor*, 6-2, pp. 123-136.



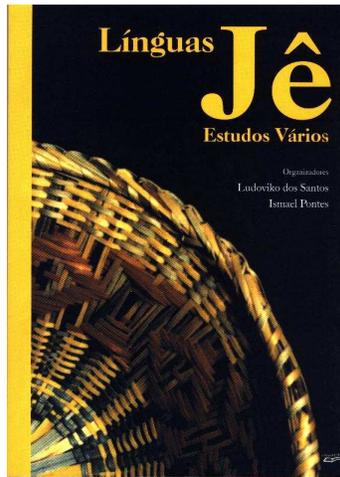
No segundo semestre de 2002 foram lançadas, em 2 volumes, as **Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL**, reunindo trabalhos apresentados no evento realizado na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, em outubro de 2001.

Sob a responsabilidade dos pesquisadores Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e Aryon Dall'Igna Rodrigues (organizadores do Encontro), e dedicadas ao lingüista Kenneth Hale, recém-falecido, as Atas dão um panorama representativo das pesquisas e preocupações da área, atualmente, no Brasil.

O primeiro volume conta com 40 trabalhos, sendo 10 sobre línguas do tronco Macro-Jê e 30 sobre línguas do tronco Tupi. No segundo volume há 23 trabalhos sobre línguas das famílias Karib, Pano, Nambikwara, Guaikurú, Txapakúra, Irántxi, Kwazá, Katukína e Mapuche. O volume traz, ainda, 15 ensaios sobre línguas ameaçadas, estudos tipológicos, dicionários, educação indígena, escrita de língua indígena e temas relacionados à cultura, e 4 trabalhos tematizando a questão da ética e pesquisa em línguas indígenas.

As **Atas** podem ser adquiridas junto à Editora da UFPA ou junto ao Laboratório de Línguas Indígenas (Lali), da Universidade de Brasília (UnB). Contatos através dos respectivos endereços eletrônicos: edufpa@ufpa.br , lali@unb.br

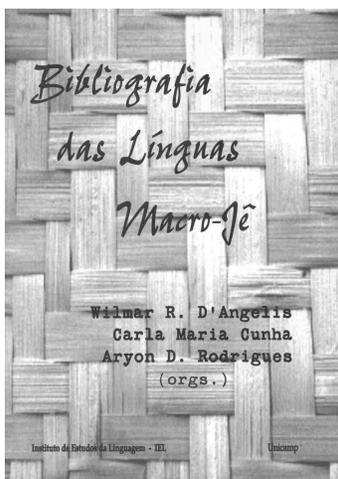
Informação Técnica: **Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL**. Ana Suelly A. C. Cabral & Aryon D. Rodrigues (Orgs.). Belém: UFPA, 2002. Tomo I: 433 p., ISBN 85-247-0225-7 ; Tomo II: 442 p., ISBN 85-247-0226-5



Línguas Jê : Estudos Vários reúne 16 trabalhos apresentados no 1º Línguas Jê, encontro de pesquisadores organizado pelo lingüista Ludoviko dos Santos e realizado na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 2001. As línguas contempladas em 14 estudos específicos presentes no volume são: Apãniekrá, Apinayé, Kaingáng (3 estudos), Karajá (3 estudos), Krenak (Botocudo/Borum), Panará, Parkatêjê, Pykobyë, Suyá e Xavante. Completam a obra dois estudos de caráter mais geral, um lingüístico, sobre o estudo histórico-comparativo das línguas Jê, correspondendo a uma conferência de Aryon Dall'Igna Rodrigues, e um estudo sobre arqueologia dos Jê do Sul. O livro foi lançado em maio de 2002, na UNICAMP, durante o 2º Macro-Jê, encontro que deu continuidade àquele que gerou essa importante reunião de estudos sobre línguas Macro-Jê (apesar do título com destaque à família Jê).

Organizam o livro os pesquisadores Ludoviko dos Santos e Ismael Pontes, e a bela capa leva a assinatura de Márcio Y. Fukuji, do Curso de Design da UEL. O livro pode ser adquirido junto à Editora da UEL, através do endereço eletrônico: eduel@uel.br

Informação Técnica: **Línguas Jê : Estudos Vários**. Ludoviko dos Santos & Ismael Pontes (Orgs.). Londrina: Ed. UEL, 2002. 277 p. ISBN 85-7216-347-6



Bibliografia das Línguas Macro-Jê reúne e organiza, em pouco mais de 100 páginas, mais de 750 referências bibliográficas acerca de línguas Macro-Jê. Na primeira parte as referências completas aparecem em ordem alfabética por autor e cronológica em cada autor; na segunda parte as referências são agrupadas por língua ou família (no caso de textos de abrangência mais geral). Lançado em maio, durante o 2º Macro-Jê (encontro de pesquisadores de línguas Jê e Macro-Jê), é um trabalho experimental com o objetivo de circular entre pesquisadores da área para recolher críticas, correções, sugestões e complementações que permitam, posteriormente, uma nova edição completa e definitiva. As duas condições concomitantes para inclusão de referências na obra foram, segundo a *Apresentação*: “1. trabalhos, textos ou documentos que tenham relevância ou alguma utilidade para o estudo de qualquer aspecto de uma ou várias línguas desse tronco, ainda que não sejam trabalhos produzidos por lingüistas (...); 2. trabalhos tornados públicos ou disponíveis publicamente...”.

A publicação pode ser adquirida junto ao Setor de Publicações do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP. Contato pelo endereço: spublic@iel.unicamp.br

Informação Técnica: **Bibliografia das Línguas Macro-Jê**. Wilmar R. D'Angelis, Aryon D. Rodrigues & Carla M. Cunha (Orgs.). Campinas: DL-IEL-UNICAMP, 2002. 102p.